

Assigna-se no Escriptorio da TYPO-GRAPIA União, á Galeria, n.º 12, e no Escriptorio da Redacção, Campo de Sanct'Anna, n.º 31.

A ASSIGNATURA será paga sempre ADIANTADA. As correspondencias particulares serão pagas a 30 réis por linha. Os annuncios a razão de 25 réis por cada uma.

SEM ESTAMPILHA.

PREÇO { Por anno 2\$000
Semestre 1\$100
Trimestre 600

O INDEPENDENTE

— Periódico Politico, Litterario, Religioso —

Publica-se todas as 2.ª e 5.ª feiras não sanctificadas.

LOGO QUE HAJA NUMERO SUFFICIENTE DE ASSIGNATURAS,
PUBLICAR-SE-HA 3 VEZES POR SEMMANA.
FOLHA AVULSA 30 RÉIS.

COM ESTAMPILHA.

PREÇO { Por anno 2\$500
Semestre 1\$360
Trimestre 730

As correspondencias de interesse particular deverão ser reconhecidas; e não se receberão senão francas de porte.



BRAGA, 28 DE OUTUBRO.

A independencia de Portugal acabou: morreu ás mãos da prepotencia e da arbitrariedade !!!
O gabinete das Necessidades está debaixo da tutella do gabinete das Tulherias !!!
As aguias francezas supplantaram indignamente as quinas portuguezas !!!
As nossas leis não podem tornar a ser lavradas com as formulas usuaes atègora !!!
E' preciso usar-se de novas formulas, è preciso usar-se de novos dizeres iniciaes !!!
Entregou-se á França o navio Carlos e Jorge, como Napoleão quiz exigir; e vão pagar-se á França as indemnisações da prêza, como Napoleão quiz exigir !!!
Pois bem: complete-se então a grande obra da indignidade e da abjecção !!!
Nas leis promulgadas d'hoje ávante haja novas formulas, haja novos dizeres iniciaes !!!
Diga-se n'essas leis perante a Europa e o mundo, que as decreta e promulga

DOM PEDRO 3.º, REI DE PORTUGAL POR GRAÇA DE DEUS,

CONFIRMADA POR NAPOLEÃO 3.º

As aguias francezas supplantaram indignamente as quinas portuguezas !!!
O gabinete das Necessidadés está debaixo da tutella do gabinete das Tulherias !!!
A independencia de Portugal acabou: morreu ás mãos da prepotencia e da arbitrariedade !!!

FOLHETIM.

TORQUATO TASSO:

ESTUDO HISTORICO

POR

João Joaquim d'Almeida Braga.

(Continuação do n.º 48)

XI.

Como Bernardim Ribeiro e Luiz de Camões, o Tasso elevou alto as suas vistas,

para chorar depois, como o poeta das saudades e o amante de Natércia, o mau fado dos seus amores. Leonor d'Este, irmã d'Afonso d'Este, foi a nova Beatriz do cantor da *Jerusalem*.

Torquato Tasso, bemquisto ha muito tempo na côrte de Ferrara, tinha-se apaixonado pela irmã do duque; e esta paixão tomara um incremento igual á altura do objecto a que ella se dirigia.

Mas o Tasso sabia bem que distancia os prejuizos de nascimento punham entre elle e a dama dos seus pensamentos, e por isso guardava no seu coração este amor, como um segredo inviolavel.

Comtudo, por esta tendencia que o homem sempre teve de confiar a alguém as suas penas, ou as suas alegrias, o Tasso depositou este segredo no seio d'um homem, que se dizia seu amigo.

Este homem trahiou-o, descobrindo o seu segredo, e d'aqui resultou um duello entre elle e o Tasso.

O poeta bateu-se corajosamente, não só contra o seu adversario, mas contra mais tres irmãos d'elle, que o vieram attacar, traçoicamente, ferindo dois, dando tempo a que chegasse quem os veio separar.

Este facto deu brado na côrte, e fez com que Afonso d'Este prendesse o Tasso, soh

ESTIVEMOS atégora silenciosos, acerca da questão diplomatica entre o nosso paiz e a França.

Queriamos ver o desenlace no seu verdadeiro ponto de vista, sem concorrermos para a complicação do ministerio, no andamento deste negocio.

A imprensa cumpre-lhe ser silenciosa, quando pelo seu dizer póde enredar de suspeitas, ou complicar com insinuações, objectos melindrosos por sua natureza.

O nosso expediente era justo: no *Rei e Ordem* o vemos adoptado com toda a prudencia.

Não andamos de leve; mas hoje não é possível continuarmos silenciosos.

O aprezamento do navio *Carlos e Jorge* continúa a ser a questão palpitante da imprensa jornalística, tanto nacional como estrangeira.

A rasão e a justiça estão da nossa parte, como todos reconhecem, e a propria França effectivamente o sente; mas apesar d'isso exige-se de nós, não só a entrega do navio, mas de mais a mais altas indemnisações.

A França já exigiu a exoneração do secretario geral do govêrno civil de Lisboa; e o povo portuguez, que não ignora os motivos que levaram aquella despotica nação a fazer uma tal exigencia, grita contra similhante prepotencia, e repelle um tal despotismo.

Portugal, se não tem hoje as forças que outrora teve, para se bater com essa nação poderosa, com essa nação que, fiada na valentia de seus exercitos, e no poderio activo das suas aguias, pretende vilipendiar-nos, escarnecer de nós, por isso mesmo que hoje não possuímos essas riquezas immensas, e essas fileiras valentes e aguerridas, que já foram o terror da França, e em parte do do mundo inteiro; ainda tem brios, ainda tem patriotismo, ainda tem coragem, ainda tem a força para dizer ao chefe do Estado das Tulherias = *basta com tanto escarneo, nem tanto vilipendio, nem tanto despotismo, nem tanta infamia, nem tanto opprobrio.*

Esta questão entre Portugal e França, chegou a um ponto, que é quasi um impossivel absoluto, o poder o ministerio ultimal-a sem desaire para Portugal.

Os jornacs do governo tem guardado profundo silencio a este respeito. E' bem clara a reserva da *Opinião*, no artigo que transcrevemos no *Independente* ultimo.

Respeitamos atégora essa reserva; e abstivemos-nos de censurar o ministerio.

A censura era justa, mas o ensejo inconveniente. Agora mudaram as see-

nas: é preciso exigir dos orgãos do govêrno os esclarecimentos a que elles se não podem negar.

Será verdade que o snr. marquez de Loulé faltasse a todas as regras da etiqueta diplomatica ao embaixador francez?

Será verdade que se não fizeram allegações, por nossa parte, que destruissem completamente as allegações do govêrno francez?

Será verdade que o nosso ministro em Pariz, apesar da altivez com que o recebera o ministro de França, continuou ainda nas suas conferencias, de um modo não airoso para nós?

Será verdade ter-se-lhe dicto que o govêrno francez havia, por força, de receber o navio aprezado, e as indemnisações de todos os prejuizos?

Será verdade que nos querem obrigar a aceitar as irmans de caridade que de França se mandarem, e de fazer demittir todos os empregados que assignaram contra a sua importação, e contra a importação dos seus directores?

Será verdade tudo isto, e o muito mais que se diz á bocca cheia?....

Se isto é assim, é preciso mostrar á Europa e ao mundo, que Portugal ainda terá independencia, e nacionalidade.

A união faz a força. E' preciso união com prudencia.

Unidos os portuguezes, podêmos salvar a dignidade e o pondonor do paiz.

Façamol-o: apontemos para o capitulo salvo, e depois dispute a França embora os nossos restos, como em Roma se disputaram os ultimes dos Graccos.

INFLUENCIA DOS COMETAS.

(Conclusão do n.º 50)

Um dos maiores, e mais notaveis cometas dos tempos modernos, foi o de 1680; e foi um dos que tem passado mais proximo do sol, e não muito distante da terra: e todavia, não houve então calamidade alguma que se lhe podesse attribuir, a não ser, como diz Forster, um inverno frio, seguido de um verão secco e quente, e de alguns nevoeiros notaveis na Allemanha!

O anno da grande peste de Londres (1665) foi assignalado por um cometa, que appareceu no mez d'Abril, e a cuja influencia se julgou devido aquelle horrivel flagelo. Não se dão, porem, rasões algumas, porque só Londres fosse sujeita á influencia maligna do cometa, e porque não fossem igualmente atacadas as demais capitaes da Europa, as outras ci-

dades d'Inglaterra, e as proprias aldeias de que Londres se achava rodeada nesse tempo.

A esta especulação e a outras do mesmo jáez póde responder-se, que se a influencia dos cometas fosse uma realidade, essa influencia devia ser geral e não local.

Esta é a resposta concludente que se póde dar a todas as ideas e especulações absurdas, que enchem as paginas das obras de Gryoz, Sydenham, Lubienetski, Forster, e outros.

E tão ridiculos são alguns dos effeitos attribuidos aos cometas, que fóra proprio trazel-os para uma discussão seria e grave de sciencias physicas.

Um grande cometa foi visto em 1668, que ha muitas rasões para crer, que fosse o mesmo, que passou pelo nosso systema em 1843. A este cometa foi attribuida, por um dos advogados da influencia destes astros, uma grande epidemia, e *mortandade de gatos*, na *Westphalia*!! Ao menos, em 1843, não ouvimos fallar da repetição de similhante calamidade.

Em 1746 passou perto da terra um cometa, que não foi notavel, nem pela sua magnitude, nem pelo seu brilhantismo.

A destruição de Lima e Callau, em virtude de um terremoto, logo lhe foi attribuida; mas não se deu rasão alguma, porque foram isemptas da mesma catastrophe as outras cidades do continente americano do sul.

A outro cometa se suppoz devida a destruição de uma torre d'egreja d'Escossia, pela queda de uma pedra meteorica; a outro, a quantidade de bandos de pombos bravos na America; e a outro irrupções notaveis do Etna e do Vesuvio. Os auctores que, á força de trabalhosas locubrações tem colligido todos estes incidentes, fazem em vão alarde de erudição; e, como diz com muita graça Mr. Arago, laboram em uma illusão similhante á d'aquella dama mencionada por Bayle, que nunca chegava á janella de seu quarto, que deitava para uma das ruas de mais passagem de Paris, que não se persuadisse, quando a via cheia de carruagens e de povo, que todo aquelle borbolino era causado pelo seu apparecimento na saccada.

O celebre viajante Ruppel, escrevendo do Cairo em 8 d'Outubro de 1825, (anno em que appareceram tres cometas) observa que os Egypcios pensavam, que o cometa então visivel fosse a causa do terramoto sentido no paiz, em Agosto antecedente, e que a elle se devia attribuir a

pretexto de o preservar dos perigos a que elle estava exposto por este acontecimento, perigos que lhe podia ocasionar a vingança dos seus inimigos. Pretexto futil, que não pode de modo algum desculpar a longa prisão de Tasso, cuja causa alem d'isso era bem patente.

XII.

Muita cousa se tem dito e escripto a respeito dos amores de Tasso, já alterando os factos, já dissimulando a verdade, ou procurando pelo menos tornal-a duvidosa, como se ella deshonrasse a memoria do poeta, ou a da mulher que elle idolatrava.

Querem uns que a dama do Tasso fosse a condessa de Scandiano, que por aquelle tempo gosava de grande reputação de bella na corte de Ferrara; dizem outros que a Leonor de Torquato era uma dama da princeza.

Vãos tentativas para occultar a verdade manifestamente conhecida!

A longa prisão de Tasso, a perseguição que o duque lhe fez, poderiam ter uma explicação plausivel, se o poeta não tivesse elevado as suas vistas até ao seio da familia real?

E' provavel que o duque por outra qual, quer posse levado a tratar o Tasso tão bar-

baramente, quando até alli o estimava muito?

Diga-se, pois, a verdade, que se ella é amarga, não é para o poeta.

A Leonor do Tasso era a irmã do duque de Ferrara; e se Affonso julgou que os amores do poeta eram uma deshonra para a sua familia, commetteu um erro, que a posteridade lhe não perdoa, porque a união de Leonor com o Tasso não augmentaria um atomo á gloria do poeta; mas seria o maior brasão da casa d'Este.

(Continúa).

influencia tam maligna sobre alguns animaes inferiores; e que d'ella já tinham morrido immensidade de cavallos e de burros,

E, comtudo, a rasão d'essa mortalidade era visivel, porquanto, os pobres animaes morriam de fome, causada pela falta de forragens, que a terra não produzira n'esse anno na abundancia necessaria, pela defeciencia das innundações do Nilo.

Mas não são sómente influencias phisicas, as que se imputam aos cometas. O cometa hoje tam familiarmente conhecido do publico pelo nome de Haley, e cuja ultima apparição teve lugar em 1835, foi observado com grande esplendor em 1305, e descripto como « *Cometa horrendæ magnitudinis visus est circa ferias paschales, quem secuta est pestilentia maxima* ».

A penultima visita, que este cometa fez ao systema solar, foi em 1455, e foi então descripta, como sendo de « nunca vista grandeza », e com uma cauda, que se extendia por 60 graus, isto é, dous terços de distancia do zenith ao horizonte. Foi visivel durante o mez de Junho, e espalhou immenso terror na Europa. Assim, foi considerado como presagio dos rapidos successos dos turcos, debaixo do commando de Mahomete II, que tomou Constantinopla, avançou até aos muros de Vienna, e espalhou o terror por todo o orbe christão. O papa Calixto II, atterrado pela sorte do Christianismo, despediu os raios do vaticano contra os inimigos da fé, terrestres, e celestiaes, e na mesma bulla excommungou os Turcos e o cometa; e a fim de perpetuar a manifestação do poder da igreja, ordenou que repicassem os sinos das igrejas ao meio dia, costume que ainda hoje se observa nos paizes catholicos. Comtudo, nem parou a marcha do cometa, nem o progresso victorioso das armas mahometanas. O cometa procedeu tranquilamente na sua orbita, sem embargo das ameaças do Vaticano, e os turcos estabeleceram a sua principal mesquita na igreja de Sancta Sophia.

Em 1590 appareceu um cometa, a cuja influencia se fez devida a epidemia horrivel que houve nesse anno, em cuja crise os doentes eram atacados com paroxismos d'espirros tão violentos e desordenados, que muitas vezes succumbiam durante elles. Parece que então começou o costume de dirigir aos doentes, quando espirravam, a saudação « Deus vos abençoe, Deus vos ajude », costume de que ainda hoje se notam os exemplos, (Lardner — *Mus. of Scienc.*)

Popular.

Amigo Redactor.

NUNCA eu me persuadi, que os meus pobres versos, *rachiticos e mancos*, fossem de frente enraivecer o varredor do escriptorio do *Bracarense*!

Não pude deixar de rir, e rir com muito gosto, á vista do artiguinho inserido no n.º 334 do dito *Bracarense*, e que o auctor, depois de fazer uma luminosa lamuria sobre os desvios da imprensa, muito semelhante áquella que pregam os mendigos em quinta feira sancta á porta das igrejas,

com toda a *polidez e cortezia* me chama *infame, e cobarde, e rabiscador, e valente contra os fracos, e grosseiro contra as senhoras, e immodesto, e torpe contra a moralidade publica*, e mais isto, e mais aquillo, e mais est'outro, e mais aquell'outro. Em summa, quem ouvir lá fóra esta lenga lenga, hade julgar que o humilde auctor dos pobres versos é algum Roldão, algum Ferrabraz, ou algum fabricante d'estallinhos.

Venha cá, homem de estalar tudo, e responda-me. Em que fui eu grosseiro para com senhoras? E para que senhoras?... por mais que me digam, o nobre fidalgo endoudeceu! Pois eu por ventura personalizei alguém?

O neto dos illustres avós é que á viva força quer encaixar carapuças n'uma cabeça que lhe pareceu, e a quem nunca pela mente me passou a idéa, que os meus versos fossem ferir como o litterato imagina.

Que miseria, que rachitica intelligencia tem o tal amigo?... Essas senhoras que lhe agradeçam a sua *feliz lembrança*, que d'ahi lavo eu as mãos. Lavo-as com toda a innocencia: não como Pilatos depois de fazer o mal.

Diz o tal escrevinhador do *Bracarense*, que nos meus versos se falla *d'uma familia honesta e recolhida, composta de senhoras que tiveram a desventura de perder, com o marido e com o pae, os protectores e a companhia*. Já viram algum tolo mais chapado? alguma cabeça mais massiça? Está-me a parecer que, se até agora ainda não atirou ás pedras, foi de certo por esquecimento! Pois n'aquelles versos diz-se alguma cousa de familia alguma deste mundo. Quem é o calumniador? eu, ou elle? Pobre maluquinho! coitadinho! merece compaixão! Ah! Dr. Pulido, Dr. Pulido! que tanta gente por cá precisa dos seus socorros!

Uma cousa a que achei muita graça, foi que o tal escrevinhador do *Bracarense* me chamasse — *valente contra os fracos*! Achei-lhe graça; pois que o homem de certo se persuadiu, que com esta bomba fazia descer, abaixo de zéro, o thermometro da minha reputação, para com a opinia publica.

Parece que o estou a ver enchouraçado, e bufando de contente, embrulhado n'algum chaile-manta de cotim, esfregando as mãos, a dizer para os seus botões: *leve-lhe o punhal ao coração: eu cá sou assim: os heroes nunca se acobardam, ainda que sobre elles caia um diluvio d'estallinhos: os meus pergaminhos não se deslustram*.

O tal rabiscador das luminarias do *Bracarense* desceu das regiões elevadas da moralidade, a que tinha engatinhado no seu n.º 334, para o xarco immundo e miasmatico da asquerosa correspondencia, datada da *Povoa de Varzim*, inscripta no n.º 335 do dito jornal.

Aquillo sim: aquillo é que é a moralidade levada ao ultimo requinte, sobre os lombos dos camellos dos typos, por meio dos desertos da letra redonda, e em harmonia com as idéas do Sancto escrevinhador.

Aquillo é que são as sãs doutrinas do Evangelho: aquillo é que é respeitar as familias, os consoreios, os respeitos sociaes: aquillo é que é não semear a discordia no lar domestico!

Aquillo é que é respeitar a vida privada de pessoas que nunca lhe fizeram mal!

Aquillo é que é não profanar a sancta liberdade da imprensa, dando-lhe a verdadeira applicação para que Guttemberg a descobriu! Aquillo, em summa, é que é ser fraco para com os valentes, delicado para com as Senhoras, modesto para com a moralidade! Aquillo é que é ser o Magrisso das familias honestas e recolhidas, o Dou Quichote dos lares privados dos cidadãos, tendo-o por protector, em lugar de pae, do espozo e do irmão que perderam.

Olhe, snr. rabiscador, se Vossa Excellencia prégasse n'outra parte, onde não se

tivesse ideia dos seus escriptos, e de certas correspondencias em que Vossa Excellencia tomou o nome de guerra de *Epaminondas*, além d'outras tolices que lhe não dão honra, talvez lhe acreditassem os seus artigos halofos. Mas nas circumstancias em que todos o conhecem como a *gato açanhado* contra tudo e contra todos, pôde berrar á vontade, que é clamar no deserto... no deserto... no deserto...

Pôde ficar na certeza, que o inimigo nunca me viu pelas costas, n'essas vezes em que tenho estado com elle á barba. E por isso muito menos o Quichotinhosinho do *Bracarense*, que me achará sempre prompto a receber os seus tiros de cara a cara, mas sem serem de papel: entende-me, snr. escrevinhador? Não desejo que se despeça depois d'alguem, n'um estillo de lamurias patheticas, quando estiver para ir para o tal *rendez-vous* do tal.

Adens, charo redactor, é desculpar estas massadas, ao que não pôde deixar de pedir este desfôrço no *Independente*, embora custe a elle e a mim: é mandar no serviço o que é

am.º e obrigado

25, Outubro, 1858.

A. R.

Hi motus animorum, atque hæc certamina tanta
Pulveris exigui jactu compressa quiescent.

— VIRGILIO —

Mais uma existencia se desalistou do livro do mundo, para se alistar no livro da eternidade!

Foi a do nosso respeitavel e sabio mestre, o snr. Manuel Rodrigues d'Azevedo.

Com os labios tremulos collados nos sacrosantos pés do Salvador — com os olhos turvos cravados no céo — baixou contricto, á morada da morte, este preclaro varão!

Que espectáculo augusto não devia de oferecer este agonisante christão, quando sua alma forcejava por quebrar os grilhões do corpo, afim de ajoelhar ante o solio do Deus, involta nos arminhos de virtude?!

Ancião venerando, de cabellos prateados — voz convulsa — fronte inclinada — expirou tranquillo no regaço da Relegião, abraçado na cruz.

E' assim que no extremo da vida exala o justo o ultimo suspiro.

E eis como n'um suspiro se vê epilógada a vida do homem!

O maior elogio que se pôde fazer d'este respeitavel varão, é apregoar que soube morrer!

Morrer, é o patrimonio dos homens: saber morrer, é o privilegio dos Christãos, dos remidos do Martyr do Gógotha!

Não são os sceptros; não são as purpuras; não são os pergaminhos de elevadas prosapias — os que ensinam a saber morrer!

Os sceptros, ás vezes, não deixam attentar no triste reverso de realzas bem rebaixadas; as purpuras encobrem ulceras bem profundas; e pergaminhos encerram magnas eatervas de pullulantes vermes!

Os sceptros quebram-se: as purpuras rasgam-se; os pergaminhos empoeiram-se.

Só a filha dilecta do Crucificado, só a religião do Ungido Sacrosancto, é que ensina a saber morrer.

Só a Religião Christian é a verdadeira columna possante, que avulta altaneira entre o esboroar de cidades, entre o desabar de reinos, entre o desconjunctar de imperios, entre o aluir de sociedades.

Foi a Religião Christian, a que cerrára as palpebras do egregio finado; foi a Religião Christian, a que lhe amenisára a agonia da morte; foi, affim, a Religião Christian, e só ella, a que o ensinára a saber morrer!

Quando nos contaram, que o nosso virtuoso mestre morrera; uma nuvem de tristura nos poisou carregada sobre o espirito.

A dôr opprimia-nos o coração, e sopeava-nos o espirito: — parecia-nos que es-

talavamos de pezar e de magua intensa. Forcejamos então por chorar, e choramos: deixamos a dôr desafogar-se-nos do peito pelos olhos.

Não nos envergonhamos de verter lagrymas. Catão derramou prantos sobre o cadaver de seu filhos: os judeus, out'ora, pagavam para orvalhar de sentido pranto o esqueleto da sua querida Jerusalem!

Quem apaga o vulcão da saudade e da dôr, que, muitas vezes, ruga cá dentro em nosso peito?

As lagrymas.

Quem despedaça os ferros que, muitas vezes, esmagam o coração?

As lagrymas.

E é uma corda de lagrymas, congeladas na athmosphera da mais triste saudade, que nós depomos hoje na cabeceira do jazigo do nôsso conspicuo mestre, como prova inconcussa de respeito e gratidão, e de luctuoso reconhecimento do intimo d'alma. Coimbra, 8 d'Outubro de 1858.

Cerqueira Lobo.

NOTICIARIO.

— *Perigo de vida.* — O grande romanista Alexandre Dumas está n'um estado de saude que inspira serios cuidados.

— *Peça de artilheria.* — Foi roubada do arsenal do exercito uma que pesava 17 arrobas e 12 arrateis.

Corre que foram os ratos do arsenal que a roubaram!!!

— *Folhas.* — N'esta redacção compram-se os n.ºs 2, 3, 4, 11, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 34, 45, 47, 48, 50.

— *Eloquencia de nova especie.* — N'uma despedida de um superior a uns inferiores, transcripta na *Rasão* de 8, e na *Thesoura* de 26, lê-se este trecho pathetico, verdadeiramente cordial:

« Nesta hora tam sentida o coração de soldado se me desliza pelas faces ».....

— *Foros.* — Os da fazenda nacional dos concelhos d'Amareos, e Villa-Verde, avaliados em 471.293 rs., teem de ser arrematados no governo civil de Braga, no dia 26 de Novembro.

— *Transferencia.* — O snr. Freitas Costa, ultimamente juiz de direito da comarca de Lousada, foi transferido para a de Vizeu.

— *Outra.* — O delegado do procurador regio de Macedo de Cavalleiros, o snr. José Maria de Abreu Vieira, foi transferido para a comarca de Villa-Verde.

— *Jogadores.* — Foram prezos na segunda feira á noite, pela policia, alguns *meninos* que *innocentemente* se entretinham a jogar o monte.

Estiveram na cadeia apenas algumas horas.

— *Exoneração.* — Foi exonerado o delegado do procurador regio de Lamego, o snr. Francisco de Mendes Leite.

— *Cahiu.* — *Post tot tantosque labores* foi prezo o celebr João Brandão, de Midões, em casa de Simão d'Almeida e Mello, da Villa de Cea, pelo administrador de Oliveira do Hospital.

— *E'melhor!* — Corre como certo que o ministerio quer addiar as camaras.

Para o que os snr. deputados lá vão fazer, é melhor estarem sempre fechadas.

— *Bravo!* — Corre que o sr. Mexia Salema, o juiz que absolvêra uma lisboeta que chamára *magalona* a uma irman da charidade, acaba de ser insinuado, no ministerio da justiça, para pedir a sua demissão, «como exigencia do embaixador francez».

O delegado do processo parece que vai ser transferido.

— *Carnes verdes.* — Tem-se comido algumas de bois doentes, que tem sido mortos na cidade ás escondidas.

A zootia dos bois e dos porcos grassa pelas medições d'esta cidade.

Toda a vigilancia da illustre camara será pouca ainda em objecto de tanta monta.

— *Exposição agricola.* — Começou no sab-

bado no Porto, na quinta á Torre da Marca.

A' benemerita associação agricola, da cidade eterna, é que se deve a lembrança e a realização d'esta exposição proficua.

Honra lhe seja: e oxalá que seja imitada pelas outras nossas sociedades agricolas.

ESTADO DO MERCADO.

| | |
|---------------------|-----|
| Trigo | 850 |
| Centeio | 350 |
| Milho alvo..... | 650 |
| Milhão branco..... | 420 |
| Dito amarello..... | 400 |
| Batatas | 240 |
| Fajão Vermelho..... | 880 |
| « Amarello..... | 800 |
| « Branco..... | 840 |
| « Rajado..... | 700 |
| « Fradinho..... | 450 |
| Cevada..... | 450 |

A questão do navio francez aprezado ultimou-se.

O ministerio não andou mal no negocio, segundo as ultimas noticias da capital.

Em vista das condicções do ultimatum por elle offerecido ao ministro da França, a nossa dignidade salvou-se.

Melhor seria, porem, não fazer entrega official do Carlos e Jorge.

Era deixar aos navios francezes do Tejo, que levassem o navio aprezado, *como e quando quizessem.*

As condicções do nosso ultimatum são estas:

1.º O governo portuguez, não podendo resistir á violencia que lhe impõe a França, entrega o navio.

2.º Tendo o governo francez rejeitado o arbitramento d'uma terceira potencia no ponto de direito, o governo portuguez rejeita tambem o arbitramento com respeito á indemnisação.

3.º Apresente o governo francez a conta da indemnisação, que será logo paga.

ARTIGO NOTAVEL DA «PRESSE» DE FRANÇA.

« Usar-se de violencia para com Portugal, seria dar-lhe importancia, e ir contra o fim que se propõe. Basta a presença da bandeira franceza nas aguas do Tejo, para obter todas as satisfações exigidas; e não será o governo portuguez o que se sentirá mais humilhado: — é a esquadra ingleza, que está costumada a olhar o ancoradouro de Lisboa, como um porto da Grã-Bretanha. »

PUBLICAÇÃO.

BIBLIA SAGRADA

E A EDIÇÃO SUPPLEMENTAR.

CHEGARAM a esta cidade os cadernos n.º 21 e n.º 22, pertencentes á 3.ª serie da Biblia Sagrada, e da edicção suplementar.

Os snrs. assignantes que ainda não pagaram esta terceira serie, devem mandar pagar OITO CENTOS REIS, a Paulo José da Costa, Largo da Porta do Souto n.º 16, Braga, e ao portador que trouxer o dinheiro serão entregues os referidos cadernos n.º 21, e 22.

N.B. Os snr. assignantes em geral devem mandar pagar na agencia, no praso de vinte dias, contados da data deste annuncio, oitocentos réis pela assignatura da quarta serie, do Novo Testamento, e da edicção suplementar.

ANNUNCIOS.

128 PERDEU-SE na ultima sexta feira uma pelle de trazer ao pesc-

ço, a que uns chamam pellatina e outros gato.

Seu dono mora na rua de St.º André, n.º 41. (II)

CONTRA ANNUNCIO.

129 MANOEL José de Souza Ribeiro, da freguezia de Soutello, concelho de Villa Verde, vende no «Independente» n.º 48, o annuncio que fez seu tio João Antonio Gomes, da freguezia de Prado, declara que, com quanto até hoje não tenha sido intimado judicialmente, para largar a procuração de que falla o referido annuncio, com tudo dá como cassada a dita procuração, protestando pela validade de toda e qualquer transacção ou contracto que em virtude della se ache até hoje celebrado pelo contra-annunciante.

Soutello 18 de Outubro de 1858. (II)

131 SEBASTIÃO Antonio Alves da Graça Basto, Tenente graduado d'Infanteria 8, ultimamente despachado effectivo para Infanteria 3, tendo d'ausentarse para a cidade de Vianna do Castello; deixaria de cumprir com um dos mais sagrados deveres sociaes, se não desse um publico testemunho do sentimento de saudade de que se acha compenetrado, no momento de deixar o corpo onde nasceu para elle a vida militar, e por espaço de quasi dezeseis annos, tantas ocasiões teve de gosar das bondades de todos os seus superiores, e dos favores de seus camaradas em todas as posições por que passou, desde a de soldado até áquella em que se acha, á vista do que, não se achando com forças para despedir-se de cada um em particular, o faz d'esta maneira, asseverando-lhe que no intimo de seu coração se acharão sempre gravadas, as lembranças d'uma camaradagem, que «de certo» não tem rival no exercito, e a gratidão pelos favores d'ella recebidos.

Braga 20 d'Outubro de 1858.

Sebastião Antonio Alves da Graça Basto Tenente effectivo d'Infateria 3. (II)

GRANDE LOTERIA DE LISBOA

| | | |
|------------|--------|-------------|
| 1.º premio | R.ª .. | 50.000\$000 |
| 2.º « | « .. | 20.000\$000 |
| 3.º « | « .. | 10.000\$000 |

132 Viuva Carvalho & Irmão, do Porto, rua das Flores, n.º 219 a 222, terá á venda os Bilhetes da presente loteria desde o dia 6 de Novembro por diante. (I)

Segunda feira, dia de Todos os Sanctos, não haverá Independente, em commemoração da solemnidade do dia.

Responsavel o Bacharel Moreira de Sá.

— TYPOGRAPHIA UNIÃO —
A' Galeria n.º 12.